

GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA AVALIAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR EM UMA ESCOLA EM BREJO DO CRUZ - PB

Claud Kirmayr da Silva Rocha; Mary Delane Gomes de Santana.

Instituto Superior de Educação Professora Lúcia Dantas – ISEL - claud_bc@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – mdgs.uepb@gmail.com.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo identificar os elementos transformadores da prática pedagógica para uma educação pautada na diversidade, pois acreditamos que a reflexão sobre a educação escolar não pode prescindir do respeito à diversidade e do compromisso com a busca de uma pedagogia que supere a exclusão, visando à formação para a cidadania e a construção de valores democráticos. Para a realização da mesma foi feita uma pesquisa de campo com aplicação de questionários do tipo semiestruturado para 40 alunos do ensino médio da Escola Cidadã Integral Professor José Olímpio Maia, situada em Brejo do Cruz – PB. A maioria do público entrevistado situa-se na faixa-etária entre 17 a 19 anos de idade. Segundo os dados da pesquisa os conflitos observados com maior frequência com relação a sexualidade estão representados pela pressão no contexto social, familiar e conflitos interpessoais. Com relação as agressões elas ocorrem geralmente e costumam ser físicas, verbais e principalmente morais. A homossexualidade faz sempre parte das questões levantadas pelos alunos e é compreendida por eles como uma situação de interesse sexual, diferença de gênero sexual e em maior amplitude pela palavra gay. A concepção e a contracepção também são temas de interesse e dúvidas, e que na opinião dos alunos deveriam ser mais discutidos dentro da escola. A maioria dos professores que trabalha com a temática sexualidade é da área de ciências e isso deveria ser revisto pela escola, pois todos os professores poderiam fazer uso de material didático para trabalhar essa questão de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade. Educação sexual. Conceitos. Preconceitos.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando processos de transformações profundas e dinâmicas, onde os paradigmas que formam o Mundo Moderno estão sendo questionados e repensados, os modelos se encontram em crise por não mais darem conta da diversidade que nos constitui enquanto povo globalizado. Os modos de pensar e de produzir conhecimento começam a se dar em outra esfera, a partir de novas capacidades, concepções e percepções, rejeitando teorias generalizadoras e totalizantes.

Nesse contexto de transformações as questões raciais, étnicas, econômicas, sociais, sexuais e de gênero, dentre outros, não só se encontram no debate do dia constituindo sentidos e significados de indivíduos e grupos, como formam as novas agendas contemporâneas.

A questão é que tem sido difícil criar formas de convivência entre as diferenças que se contraponham à exclusão sem cair em posturas universalizantes. E pensar a escola na contemporaneidade, implica pensarmos a relação existente entre educação, escola e sociedade. Pois, segundo Saviane (2005) “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

No intuito de refletirmos sobre as possibilidades de ação pedagógica para tratar da diversidade cultural na educação escolar, uma questão em particular permeou a análise desta pesquisa: Como trabalhar os conceitos de gênero, e sexualidade na sala de aula, com o propósito de conscientizar os alunos a entenderem a diferença e conhecerem a si mesmo?

Reconhecer a diferença é questionar os conceitos homogêneos, estáveis e permanentes que excluem o ou a diferente. Falar sobre diversidade de gênero não pode ser só um exercício de perceber os diferentes, de tolerar o “outro”. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença é preciso perceber como essa diferença é produzida e quais são os jogos de poder estabelecido por ela.

Uma ação pedagógica realmente pautada na diversidade cultural deve ter como princípio uma política curricular da identidade e da diferença. Que permita o questionamento, a fim de perceber como ela discursivamente está constituída. Os professores e as professoras que percebem em sua ação pedagógica como os conceitos de gênero, sexualidade, raça e etnia são socialmente construídos e discursivamente usados para marginalizar o “outro” estarão, de fato, contribuindo para a constituição de uma diversidade cultural que não seja apenas tolerante, mas que perceba que “eu” e o “outro” temos os mesmos

direitos e devemos ter a mesma representatividade, tanto nos conteúdos escolares quanto nas instituições sociais.

A escola, em sua tarefa de formar os sujeitos sociais, não é neutra, mas exerce um papel político nesta formação dos sujeitos sociais, no sentido de seu comprometimento – do ponto de vista da reprodução ideológica – na formação dos sujeitos.

Os conceitos de gênero, sexualidade raça e etnia ao serem trabalhados na sala de aula em uma perspectiva da valorização da(s) identidade(s) dos múltiplos sujeitos que convivem no mesmo espaço da escola, devem ter um posicionamento político a fim de desconstruir os estereótipos e os estigmas que foram atribuídos historicamente à alguns grupos sociais. Assim como o conceito de raça, construção social forjada nas tensas relações entre brancos, negros e indígenas.

A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades de gênero, sexual, étnico-racial, cultural etc., torna-se responsável, juntamente com os estudantes, familiares, comunidade, organizações governamentais e não governamentais, por construir caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Educar para a valorização da diversidade não é, portanto, tarefa apenas daqueles/as que fazem parte do cotidiano da escola, é responsabilidade de toda a sociedade e do Estado.

O direito à educação e o compromisso de formar cidadãs e cidadãos não será plenamente alcançado sem o reconhecimento das diferentes formas como as pessoas vivem suas relações afetivo-sexuais e suas identidades de gênero.

Dessa forma, o que propormos com este trabalho é compreender com mais profundidade o tema da sexualidade e gênero dentro da escola e de como torná-la fonte de aprendizagem e desenvolvimento humano, dado que toda atividade pedagógica é uma atividade política.

Mais especificamente traçamos como questão de pesquisa para guiar o estudo: Qual o nível de conhecimento dos alunos sobre as questões de sexualidade e gênero tão discutidas na atualidade?

Assim sendo temos como objetivo geral deste estudo identificar como é recebida pelos alunos as informações sobre esta temática e como eles a compreendem. Visto que é preciso uma reflexão por parte da educação escolar de como essa questão é trabalhada e como os alunos a recebem e tiram suas dúvidas e minimizam seus preconceitos, pois não podemos esquecer que o respeito à diversidade deve ser o compromisso com a busca de uma pedagogia que supere a exclusão, visando

a formação para a cidadania e a construção de valores democráticos.

METODOLOGIA

A metodologia é a parte da pesquisa que demonstra como o trabalho foi realizado, os meios utilizados e as fontes usadas para tal fim, ou seja, o caminho percorrido até alcançar o objetivo final. De acordo com Gonsalves, (2003, p. 61) “a questão metodológica [...] indica um processo de construção, um movimento que o pensamento humano realiza para compreender a realidade social”. É neste contexto que a pesquisa desenvolvida para este trabalho se constitui. A construção do conhecimento a partir do levantamento de dados empíricos partindo do levantamento de referências bibliográficas, da aplicação de questionários que incitam o conhecimento dos indivíduos pesquisados.

Para o desenvolvimento desse trabalho considerou-se os seguintes elementos essenciais para tal fim: tipo da pesquisa, sujeitos da pesquisa, espaço da pesquisa, coleta dos dados e análise dos dados. Considerando o objeto a ser estudado, a pesquisa realizou-se em um primeiro momento através da leitura das referências bibliográficas pré-selecionadas e um trabalho de campo investigativo num contato com os/as agentes envolvidos/as na temática em discussão. Relacionando os objetivos a serem alcançados com a dinâmica da pesquisa, essa se caracteriza de forma a aprofundar o conhecimento focando uma análise sobre o nível de conhecimento dos professores sobre a questão em pauta e a compreensão dos alunos sobre a mesma.

Tecnicamente, a pesquisa consistirá da observação de maneira sistemática, buscando direcionar um olhar para o objeto de estudo. E da aplicação de questionários mistos direcionados ao público alvo da pesquisa: todos/as os envolvidos/as no processo de ensino e aprendizagem do objeto pesquisado, haja vista que para falar de uma temática como esta, se faz necessário a participação do maior número de pessoas possível.

E no caso do contexto escolar e da aprendizagem, quanto mais sujeitos engajados em opinar e em contar as suas experiências e as necessidades, melhor. Pois é na divergência das respostas que se encontram algumas soluções para suprir a carência da escola para trabalhar a sexualidade dos envolvidos no processo educacional da educação básica.

Com o uso de tal metodologia o resultado da pesquisa constituirá um produto considerável para o estudo desse elemento relevante para o currículo escolar e para a formação humana. Em relação aos sujeitos da pesquisa de acordo com Goncalves (2003), estes “se referem ao universo populacional que você

privilegiará, as pessoas que fazem parte do fenômeno que você pretende desvelar”.

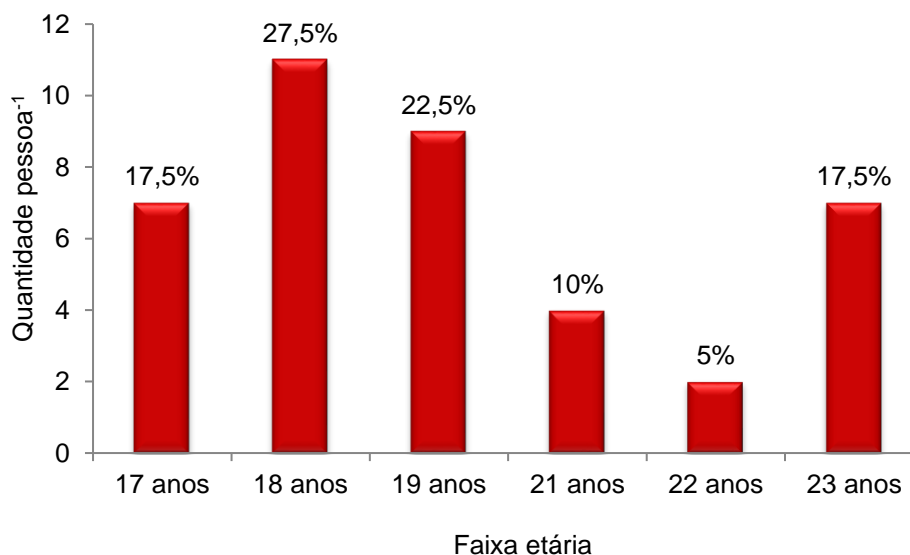
Assim, o universo populacional em discurso nesta pesquisa é constituído de 40 alunos do ensino médio que se disponibilizaram a participar da pesquisa todos da Escola Cidadã Integral Professor José Olímpio Maia, situada no município de Brejo do Cruz - PB.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A identificação dos sujeitos pesquisados é uma das variáveis que colaboram para o melhor entendimento das discussões, visto que os conceitos a respeito de um determinado tema variam amplamente em função da idade do público que fez parte da amostra. amostrado.

De acordo com a figura 1 observa-se que 27,5% e 22,5% do público entrevistado situavam-se na faixa etária entre 17 e 19 anos de idade. Por outro lado, pessoas entre 22 e 23 anos corresponderam a 5 e 17% do público amostrado, seguido de alunos com idades variando entre 17 e 21 anos (17,5 e 10%).

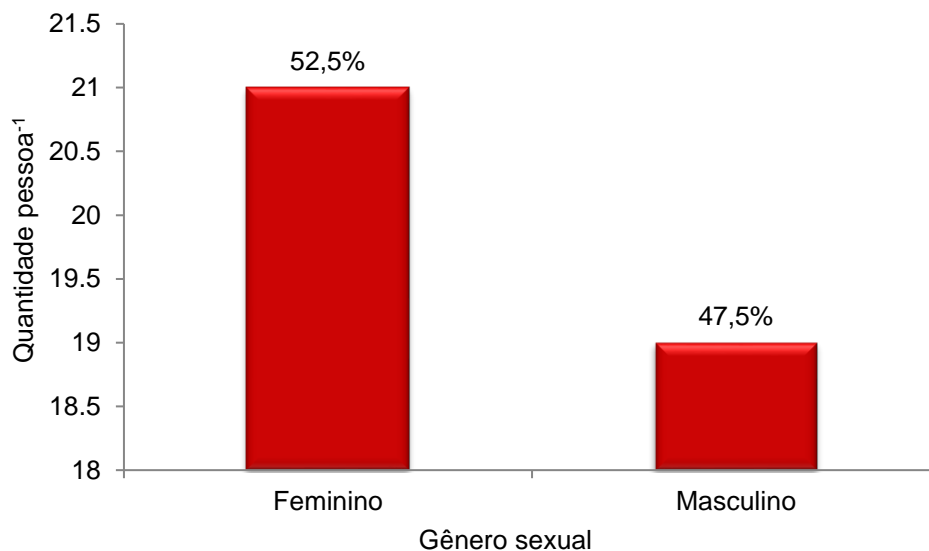
Figura 1: Faixa etária de alunos regulares do ensino médio vinculados a Escola Cidadã Integral Professor José Olímpio Maia



No que diz respeito ao aspecto gênero dos participantes das entrevistas, constata-se predominância do gênero feminino (52,5%) e 47,5% do gênero masculino (Figura 2). Desse ponto de vista, podemos acrescentar que o outro não é apenas um outro eu (homem, mulher, homossexual, heterossexual) com o qual devo criar um exercício de vizinhança baseado na filosofia do politicamente correto.

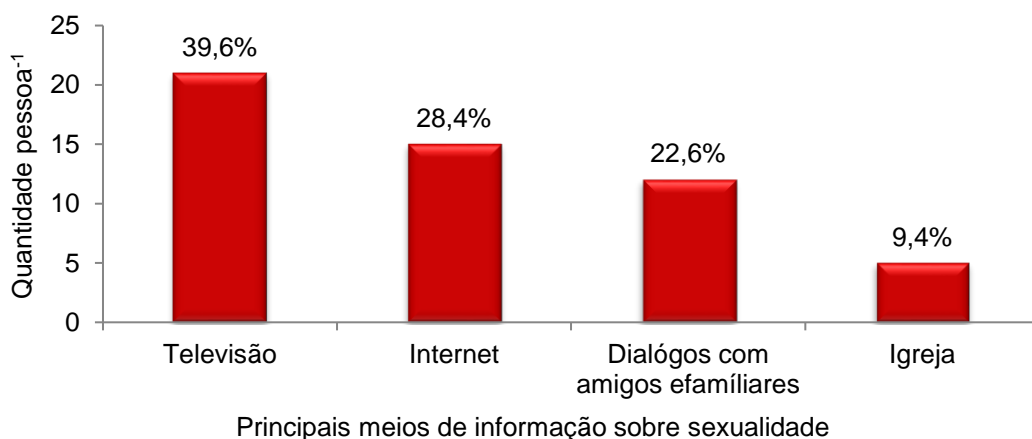
O outro é tudo aquilo (humano, não-humano, visível, não-visível) que me arranca da pretensa estabilidade de uma identidade fixa (um modo padronizado de pensar, sentir, agir), provocando-me com um incessante convite para diferentes formas de ser estar no mundo.

Figura 2: Classificação quanto ao gênero sexual dos alunos participantes da pesquisa



Um desafio maior no exercício da alteridade que nos leva a um tratamento oposto mesmo às políticas de tolerância. Assim, discutir a questão da diversidade sexual e de gênero não seria apenas uma condição particular pertinente a grupos minoritários especiais e, portanto, algo a ser ignorado por um currículo que visa atender a maioria heterossexual que frequenta o espaço escolar.

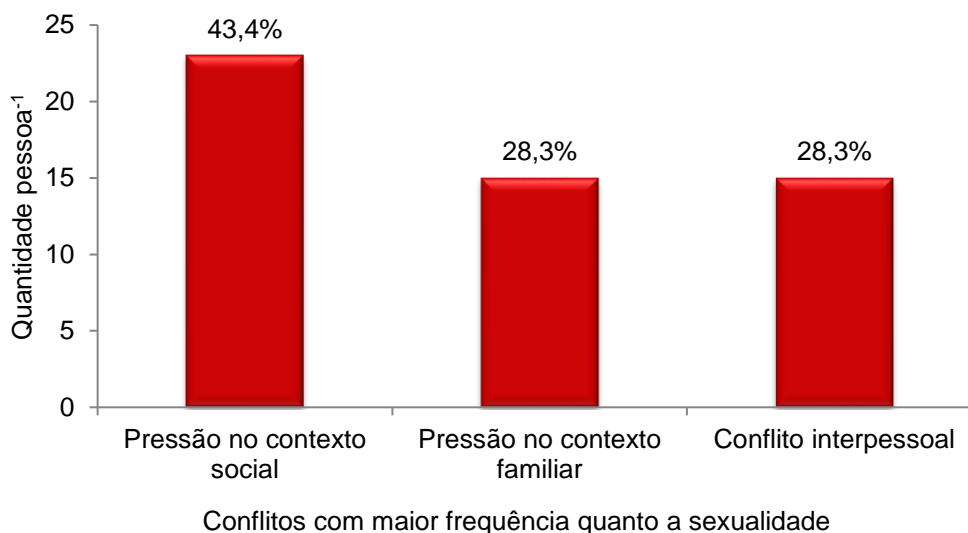
Figura 3: Principais meios de informação sobre sexualidade elencados por alunos do 1º, 2º e 3º do ensino médio.



Quanto ao aspecto principais meios de informação sobre sexualidade, observa-se que o principal meio informativo é representado pela televisão (39,6%), seguido da internet (28,4%). Por outro lado, o diálogo com amigos e familiares representou 22,6% dos resultados obtidos na pesquisa seguido da igreja (9,4%) (Figura 3).

No que diz respeito aos principais conflitos observados com maior frequência quanto a sexualidade elencados pelos alunos observa-se que a pressão no contexto sexual foi indicado como o principal motivo dos conflitos quanto a sexualidade (43,4%), seguido por 28,3% (Figura 5), que elencaram os conflitos familiares e conflitos interpessoal. De acordo com a literatura conflitos interpessoais, familiares, religiosos e sociais são os ocorrem quando se trata de sexualidade evidenciando a necessidade de inovação e educação para minimizar ou eliminar os conflitos.

Figura 4: Principais conflitos observados com maior frequência quanto a sexualidade elencados por alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

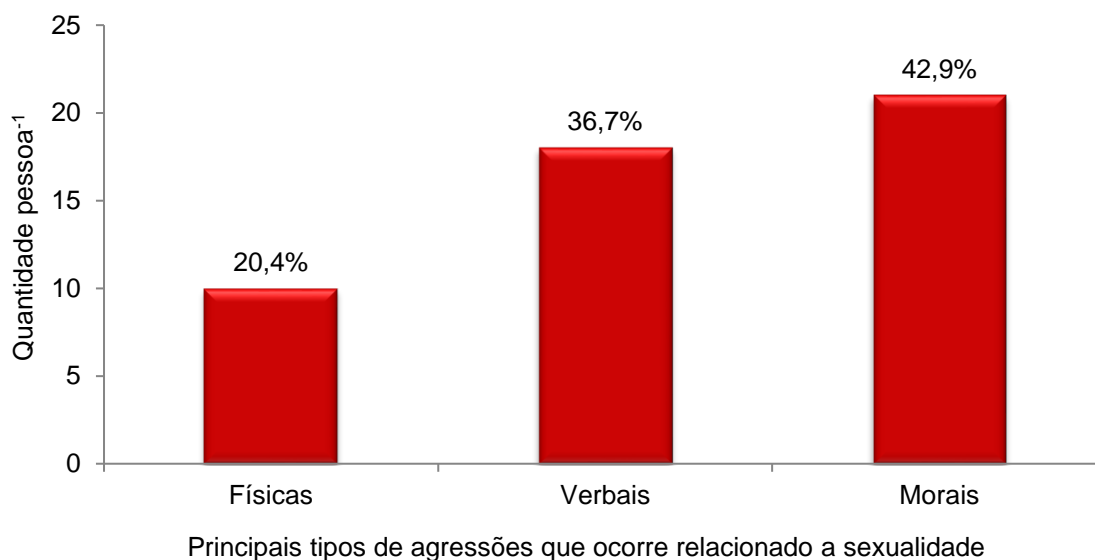


Quanto aos principais tipos de agressão que ocorrem em relação à sexualidade, observa-se que 42,95 (Figura 5) dos entrevistados indicaram a agressão moral como a principal agressão, seguida de agressões verbais e morais (Figura 5).

De acordo com a literatura Soares (2008) diversos tipos de agressões físicas, verbais e morais tem sido alvo de pesquisa por diversos estudiosos, visto que este tipo de agressão ocorre de forma repetida que parecem situar-se em situações com maior risco psicossocial, por apresentarem conjuntamente e de forma mais acentuada as características das vítimas e dos agressores, conforme visualizado na figura 5. Por outro lado, Soares (2008), problemas com vitimação e agressões entre alunos ocorre na maioria das escolas comprometendo o bom relacionamento entre os alunos, destacando-se, além

disso, que estes problemas que incluem agressões apesar de não atingirem frequências elevadas quando comparado a outras problemáticas, estes ocorrem em escolas básicas e secundárias das escolas brasileiras.

Figura 5: Principais tipos de agressões que ocorre relacionado a sexualidade elencados por alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.



No que diz respeito ao conceito de sexualidade elencado pelos alunos, observa-se que 42,1 (%) dos entrevistados entendem o tema sexualidade como uma sensação prazerosa e gostosa. Por outro lado, 31,6% e 26,3% (Figura 5) conceituam a sexualidade como uma necessidade de receber e expressar afeto e contato bem como um termo que não se refere só a sexo, mas constitui-se ações tais como o toque, abraço, o gesto e a palavra que transmite prazer entre as pessoas. Para Cano et al. (2000), a sexualidade tornou-se um dos assuntos mais discutidos na atualidade, embora Freud, já nos fins do século passado, tenha escrito e debatido muitas questões relativas à sexualidade e ao comportamento sexual.

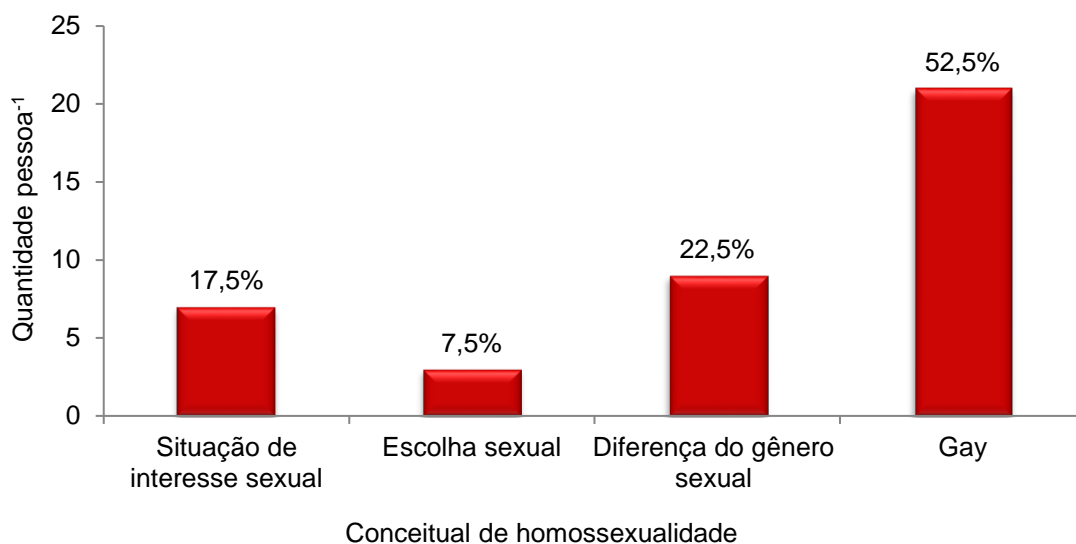
Para Souza (1997) a sexualidade é vista como um fenômeno biopsicossocial e faz parte do crescimento e personalidade do ser humano, sendo a maneira de viver, ser e compreender o mundo através do próprio ser como homens e mulheres que se expressam através da integração, corpo e mente, como elemento básico para a feminilidade ou masculinidade do indivíduo.

Com relação ao conceito de homossexualidade, observa-se pela figura 6, que 52,5% dos entrevistados conceituam o termo homossexualidade como simplesmente gay. Por outro lado, 22,5% dos alunos participantes da pesquisa contextualizaram a homossexualidade como diferença de gênero sexual. Por outro lado, 17,5% do público amostrado entendem o termo

homossexualidade como situação de interesse sexual contra 7,5% que indicaram este tema como escolha sexual (Figura 6).

De acordo com a literatura diversos autores contextualizam a homossexualidade alegando que o comportamento homossexual já foi registrado em todas as espécies animais, indicando sua naturalidade e levantando um ponto crucial para uma explicação biológica: se por uma vertente a homossexualidade for biologicamente determinada como pode manter-se na espécie os indivíduos que apresentam este tipo de fenótipo raramente podem procriar, sendo pertinente esta afirmativa apenas para a espécie humana por ser a única a apresentar indivíduos com comportamento homossexual exclusivo (STEARM, 2010).

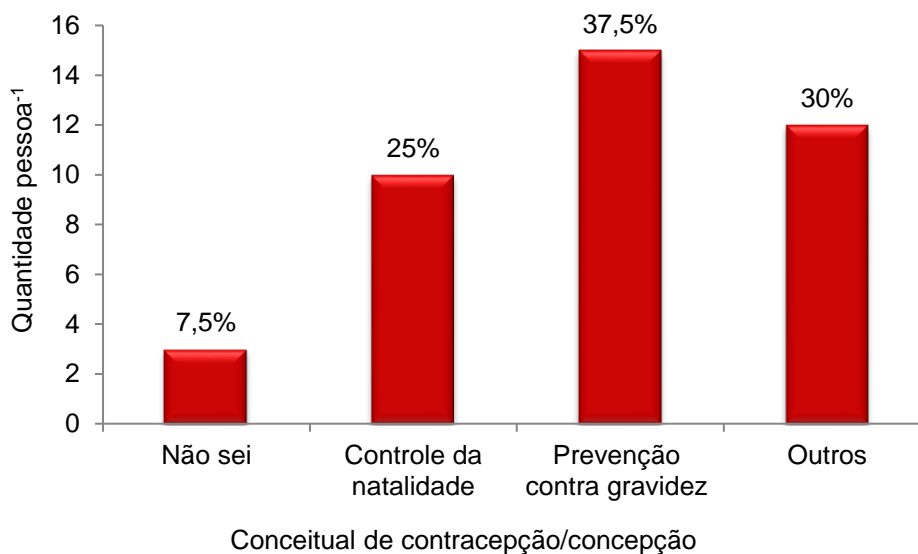
Figura 6: Conceito de homossexualidade relatado por alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.



Quanto ao conceito de contracepção/concepção, de acordo com a Figura 7 observa-se que 37,5% (Figura 6) do público entrevistado contextualizam este tema como prevenção contra a gravidez. Por outro lado, 25% dos entrevistados conceitual a contracepção/concepção como controle da natalidade e 7,5% não souberam responder. Outros conceitos sobre esta temática foram enumerados pelos estudantes, entretanto não foi possível representa-las nos resultados por serem consideradas inferiores a 1%, classificando-se como outros que corresponderam a 30%.

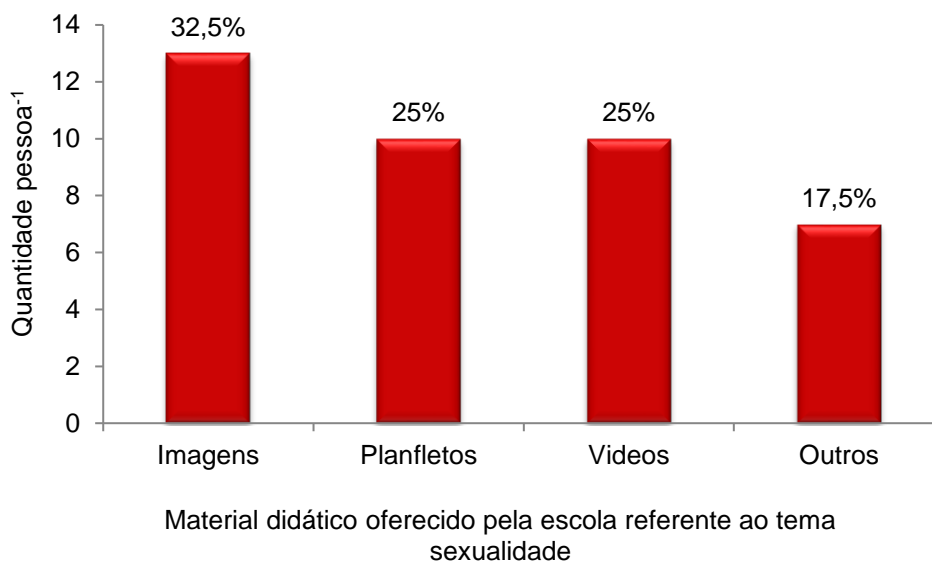
Para Soares (2007), tem sido reconhecido ser direito do adolescente ter acesso ao conhecimento de todos os métodos contraceptivos e de seu conceito, identificando aqueles que ofereçam maior eficácia contraceptiva e proteção contra DST, levando-se em conta a autonomia de suas escolhas. Assim o conceito de contracepção/concepção é bastante abrangente e se relaciona unicamente com o conhecimento dos métodos contraceptivos disponíveis na literatura bem como sua relação com o controle de doenças sexualmente transmissíveis.

Figura 7: Conceitual de contracepção/concepção relatado por alunos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.



Quanto à disponibilidade de materiais referentes ao tema sexualidade nas escolas, observa-se pela figura 8 que 32% dos materiais é composto por imagens, seguido de 25% de panfletos e vídeos que abordam a temática. Por outro lado, 17,5% é constituído por outros materiais.

Figura 8: Disponibilidade de material didático



Atualmente, a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social e vem sendo divulgado de diversas formas como através de palestras, cartazes, aulas expositivas, vídeos dentre outras formas. Entretanto, a

disponibilidade de material didático sobre a temática ainda pode ser considerada pouco expressiva apesar de atualmente ser vista como um problema de saúde pública e a escola despontam como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes. A intenção de introduzir esse assunto no âmbito escolar torna-se evidente pela inserção da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na forma de tema transversal (ALTMAN, 2003).

CONCLUSÃO

A sexualidade é um aspecto escolar que requer muita cautela ao lidar e as escolas, cada vez mais estão sendo confrontadas a lidar com o assunto de forma dinâmica e sadia para cumprir o seu papel de formadora no contexto onde está inserida e contextualizando a atual conjuntura objetivando o máximo de conhecimento para evitar conflitos que desnorciem o aprendizado e distorça a função da escola na formação do/a futuro/a cidadão/ã.

Aspectos como cultura, insegurança, falta de formação específica, falta de acompanhamento da família dentre outros despontam como obstáculos que dificultam o processo de ensino e aprendizagem da sexualidade nas escolas pesquisadas.

Por uma tradição de gerações que não permitia ou que censurava o conhecimento do corpo, dos órgãos sexuais e até mesmo qualquer conversa que direcionasse a determinado tipo de assunto que parecesse imoral, culturalmente impulsionou as pessoas a não conhecer a sua sexualidade de maneira adequada, criando, assim tabus que permeiam nos dias atuais as famílias, as escolas, as sociedades ditas normais.

Tal aspecto torna-se visível na fala de alguns entrevistados para esta pesquisa, pois mesmo apresentando um certo nível de conhecimento sobre o assunto eles desejam conhecer mais e esperam que a escola elucide algumas dúvidas e até mesmo trabalhe melhor essas questões com eles.

Com o surgimento da internet muitas coisas mudaram e muitas mudanças aconteceram. Isso facilitou o acesso das crianças e adolescentes às informações e permitiu que estes/as saiam na frente. O que implica, pessoas cada vez mais informadas, muito mais cedo do que deveria, ou do que acontecia em/com gerações passadas, porém informação não pressupõe formação é sobre isso que a escola deve estar atenta e tentar trabalhar essas informações com os alunos.

A relação escola-sexualidade é rodeada de tabus e preconceitos, e esses tabus precisam ser quebrados para que os fatos que contornam a realidade e inibem a abertura para uma discussão plausível possam ser temas de debates que tenham como objetivo mediar uma formação humana capaz de reconhecer a si próprio e olhar para o seu próximo com um olhar mais diversificado quanto a realidade da atual.

Através da pesquisa feita com os alunos o resultado demonstrou a necessidade de se trabalhar mais a questão da sexualidade e gênero nas escolas. A forma como foi aplicada as questões possibilitou essa leitura partindo da posição dos/as entrevistados/as nas suas respostas. Há insegurança por parte de algumas/ns e iniciativas por parte de outros/as. Há uma influência cultural em alguns aspectos e há a influência da mídia em outros. Tudo isso são fatos que permeiam as formações dos alunos e que refletem a ausência do trabalho de Orientação Sexual nas escolas quando esse é um tema muito presente dentro das salas de aula e fora delas também.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero, **Cadernos Pagu** (21), 2003.

CANO, M. A. T. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino-AM Enfermagem**. v. 8, n. 2., Ribeirão Preto. 2000.

FURLANI, Jimena. **Gêneros, sexualidades e discurso religioso**: um exercício desconstrutivo possível para o currículo da educação sexual. UNICAMP: Temáticas. p. 24. No prelo. 2010.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 3. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3 ed. Campinas. Alínea. 2003.

SAVIANI, D. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Livros do Tatu: Cortez, 2005.

SOARES, Rosângela. Fica Comigo Gay: o que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil? In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis. Vozes, 2008.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **Sexo é uma coisa natural?** A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola. São Paulo, Sumus, 1997.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Tradução de Renato Marques. São Paulo. Contexto, 2010.